

> *A arte “do” e “no” rio: os graffitis do projeto Street River da Ilha do Combu em Belém (PA)*

José Guilherme de Oliveira Castro

> jgpsico.lettras@gmail.com

Doutor em Letras

Professor titular da Universidade da Amazônia

Lucilinda Ribeiro Teixeira

> lucilind@uol.com.br

Doutora em Comunicação e Semiótica

Professora titular da Universidade da Amazônia

Will Montenegro Teixeira

> wilmontenegro@hotmail.com

Doutor em Comunicação, Linguagens e Cultura

Professor adjunto da Faculdade Paraense de Ensino,
da Faculdade Pan Amazônica e da Faculdade de
Estudos Avançados do Pará



> A arte “do” e “no” rio: os graffitis do projeto Street River da Ilha do Combu em Belém (PA)

José Guilherme de Oliveira Castro

 <https://orcid.org/0000-0003-3602-7734>

> jgpsico.letas@gmail.com

Doutor em Letras pela Pontifícia

Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Professor titular da Universidade da Amazônia

Lucilinda Ribeiro Teixeira

 <https://orcid.org/0000-0003-4062-614X>

> lucilind@uol.com.br

Doutora em Comunicação e Semiótica pela

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Professora titular da Universidade da Amazônia

Will Montenegro Teixeira

 <https://orcid.org/0000-0002-2415-5846>

> willmontenegro@hotmail.com

Doutor em Comunicação, Linguagens e

Cultura pela Universidade da Amazônia

Professor adjunto da Faculdade Paraense de

Ensino, da Faculdade Pan Amazônica e da

Faculdade de Estudos Avançados do Pará

Este ensaio é resultado de pesquisa de campo realizada entre os anos de 2017 e 2020 na Ilha do Combu, uma das 39 ilhas que compõem a parte insular da capital Belém, na Amazônia paraense. O objetivo da pesquisa foi analisar a relação de moradores e artistas a partir de suas relações representativas e estéticas dos *graffitis*, com o foco na produção de sentido e na construção de significados. As manifestações artísticas integram o projeto *Street River*, idealizado pelo artista visual Sebá Tapajós, com a participação de diversos artistas, entre nacionais e internacionais.

Os *graffitis* foram realizados nas fachadas e laterais das casas dos moradores da ilha, em especial do Furo da Paciência e do Igarapé do Combu. O intuito do projeto foi enaltecer a cultura de povos tradicionais e chamar atenção para a Ilha do Combu, que tem problemas de saneamento básico e esgoto. Apesar de toda a água fluvial disponível ao redor, a ilha não dispõe de sistema regular de abastecimento de água, sendo esta captada diretamente do rio ou de poços artesianos. O projeto, que foi iniciado de forma individual pelo artista-idealizador, foi organizado e teve o pontapé oficial nas celebrações de 400 anos de Belém em 2016, quando as comemorações, à época, estavam direcionadas, prioritariamente, para a parte continental da cidade. O *Street River* foi dedicado à Ilha do Combu.

Este ensaio visual procura, por meio dos olhares antropológico e da Semiótica de Charles Sanders Peirce¹, demonstrar os percursos da arte efêmera expressa nas casas dos moradores da ilha em seu cotidiano e modo de vida insular da Amazônia paraense. Em sua maioria, as moradias da Ilha do Combu são construídas em madeiras, com tábuas justapostas na vertical ou na horizontal. Os *graffitis* foram elaborados sobre essas superfícies, nas quais as casas estão localizadas à beira do rio, a partir das interações e vivências entre moradores e artistas.

A manifestação artística ocorria com a presença dos moradores e das crianças da casa participante do projeto *Street River*, que interagiam com os artistas. Os *graffitis* tinham representações culturais da região, como uma liderança indígena Kayapó, o açaí, o caranguejo, o rosto da dona da casa, entre outros elementos. Em algumas moradias, as manifestações artísticas sofreram apagamentos para outro *graffiti* ou por outra pintura a critério do morador. Há casos de pin-

1 O filósofo nasceu em 1839 em Cambridge, Massachusetts, nos Estados Unidos, e morreu em 1914. Fez carreira acadêmica na Universidade Harvard, com formações nas áreas de matemática, física, astronomia e fez contribuições no campo da Geodésia, Metrologia e Espectroscopia, estudando ainda Biologia, Geologia e Química. Foi um dos fundadores paradigmáticos da Escola do Pragmatismo e pai da Semiótica Americana ou Peirceana.

turas realizadas pelos próprios moradores e por crianças com restos de tintas deixadas pelos artistas.

Ao redor das moradias, a vegetação predominante na Ilha do Combu é composta por açaí, cacau, ucuuba, andiroba, dentre outras espécies que servem ao próprio sustento dos moradores, baseada nos saberes manejados de geração em geração e, também, destinadas à comercialização.

A Ilha do Combu está localizada na margem esquerda do rio Guamá e a 1,5 km do centro continental urbano de Belém. Possui uma área de aproximadamente 15 km², com vários furos, de acessos possíveis a outras ilhas e municípios paraenses, e igarapés, apresentando uma estrutura produtiva rural e familiar. Em 1997, a quarta maior ilha de Belém foi transformada em Área de Preservação Ambiental (APA) Combu².

O acesso fluvial ocorre por embarcações pequenas da Amazônia paraense, utilizadas cotidianamente no transporte de pessoas e de pequenas cargas, como a rabeta e o “pô-pô-pô”, que leva esse nome em função do som emitido pelo seu motor. O percurso entre a Belém continental e a Belém das Ilhas leva entre quinze e vinte minutos. Com base no estudo do projeto Zoneamento Econômico e Ambiental nas Ilhas do entorno de Belém (PARÁ, 2015), realizado pela Universidade Federal do Pará (UFPA), a população – entre 985 e 1.800 habitantes (BELEMTUR, 2019) – reside na ilha há bastante tempo. Em média, possuem entre 24 e 38 anos de residência. A faixa etária média está entre 36,6 e 48,6 anos e o número médio de filhos das famílias entre 3,0 e 4,5.

Os registros fotográficos possibilitam acesso às visualidades as quais integram a paisagem local, bem como demonstram os encaminhamentos de uma manifestação artística passível de apagamentos ou de elaborações participativas e colaborativas em conjunto com os artistas.

2 Através da Lei Estadual n°. 6.083, de 13 de novembro de 1997.



Fotografia 1 – Moradia no Furo da Paciência, que corta a Ilha do Combu do rio Guamá até o Furo do Benedito. Este furo dá acesso às outras ilhas situadas nos limites de Belém e de outros municípios do Pará, como o Acará. A casa tem a artista (ao centro) em elaboração de sua manifestação com a placa de identificação do projeto ao lado de uma criança na escada.



Fotografia 2 - Moradia de uma família no Furo da Paciência. A casa grafitada é da anciã de 71 anos, a qual tem a companhia da filha de 32 anos. A moradia ao lado (à esquerda, na cor vermelha) é de outra filha da idosa que nasceu na Ilha do Combu.



Fotografia 3 - À direita, o morador, residente na Ilha do Combu há 37 anos, acompanha o trabalho do artista Sebá Tapajós, que estava na fase inicial do *graffiti* em 2017, com o auxílio de criança e ajudantes. A manifestação artística levou mais de um dia para finalização.



Fotografia 4 - Com o reservatório de água à frente e o varal de roupa à direita, moradora (à esquerda) lava utensílo e criança está na janela da moradia, que recebeu *graffiti* na fachada. Ao redor da casa, a plantação de açaí, fruto típico da Amazônia paraense, integra a paisagem. A Ilha do Combu fornece o fruto *in natura* para diversos pontos da Belém continental.



Fotografia 5 - As pinturas da lateral, que permanecem até hoje, foram produzidas por crianças com as sobras de tintas deixadas pelos artistas após a manifestação na fachada da casa do Furo da Paciência.



Fotografia 6 - Em 2020, a moradora da casa fez o apagamento do graffiti, produzido em edição anterior do projeto *Street River* na fachada e na lateral. Na imagem, é possível perceber uma parte da manifestação artística e a nova pintura no Furo da Paciência. Essa arte tem como característica a efemeridade.



Fotografia 7 – Na edição 2017 do *Street River*, o artista (de costas) dialoga com morador que está no interior da casa. À direita da fotografia, placa identifica o artista que participa do projeto no Furo da Paciência.



Fotografia 8 - Como a letra da música de Paulo André Barata e Ruy Barata, “esse rio é minha rua”. Conhecida na Amazônia paraense como pô-pô-pô, a embarcação leva esse nome em função do som emitido pelo seu motor. O transporte cruza o Furo da Paciência, na Ilha do Combu.



Fotografia 9 - No Igarapé do Combu, morador sai de casa grafitada na fachada e na lateral. Em tons de amarelo (à direita), encontra-se a representação em *graffiti* do rosto do indígena Raoni, liderança da etnia Kayapó.



Fotografia 10 - Crianças brincam em pequeno trapiche enquanto a casa recebe os signos indígenas pelas mãos de artistas na edição de 2018 do projeto *Street River*. Esse *graffiti* já foi apagado e outra manifestação foi realizada posteriormente. A dona da casa é conhecida na Ilha do Combu, onde reside há mais de 70 anos com filhos e netos ao lado de sua moradia.



Fotografia 11 - O artista (à direita) em fase de finalização de seu *graffiti* no estabelecimento localizado às margens do Igarapé do Combu. Esta manifestação artística ocorreu em 2018 e foi a segunda realizada no local.



Fotografia 12 - Momento da atuação do artista (à esquerda) na moradia selecionada para participar do projeto *Street River*. Algumas latas de *spray* podem ser encontradas na varanda da casa no Igarapé do Combu.



Fotografia 13 - Moradora da casa com os pés na cheia do Igarapé do Combu, ao lado de rabetas amarradas. A casa tem o *graffiti* do artista visual Sebá Tapajós. Ao redor, a vegetação predominante na ilha de açaí, cacau, ucuuba, andiroba, dentre outras espécies, que servem ao próprio sustento, baseada nos saberes manejados de geração em geração e, também, destinada à comercialização.



Fotografia 14 – Artista (à esquerda) promove *graffiti* na casa do Igarapé do Combu. Entre a vegetação da ilha, a artista finaliza a pintura na lateral na edição de 2018 do projeto *Street River*. Em 2020, a manifestação na fachada da moradia já tinha sido apagada com a pintura de tinta



Fotografia 15 - Fluxo de rabeta e pô-pô-pô, à esquerda, no rio Guamá, de acesso ao Furo da Paciência. Ao fundo da imagem, a parte continental de Belém com os seus edifícios, alguns arranha-céus.

REFERÊNCIAS

PARÁ. Universidade Federal do Pará. **Projeto zoneamento econômico e ambiental nas ilhas do entorno de Belém**. Belém – PA, 2015.

BELEMTUR. Coordenadoria Municipal de Turismo de Belém. **Inventário da Oferta Turística da Ilha do Combu**. Belém – PA, 2019.

Recebido em: 30/03/2021

Aprovado em: 05/07/2022

“A arte “do” e “no” rio: os graffitis do projeto Street River da Ilha do Combu em Belém (PA)”, de autoria de José Guilherme de Oliveira Castro, Lucilinda Ribeiro Teixeira e Will Montenegro Teixeira, está licenciado sob CC BY 4.0.

